

---

## Apresentação

A *Revista Opinião Filosófica*, em número organizado por Michela Bordignon e José Henrique Souza Assai, traz aos seus leitores reflexões sobre “Problemas de Lógica e Epistemologia em Kant e Hegel”. O número compõe-se de três seções, a primeira sobre a temática supracitada; a segunda, *Varia*; e a terceira, *Tradução*, encerra o número.

A “seção temática” contém os seguintes artigos:

O primeiro, “O conceito de reflexão de Hegel como crítica aos conceitos de essência e de reflexão tradicionais”, de Christian Iber, analisa o conceito hegeliano de reflexão como crítica à metafísica tradicional e fundação de uma metafísica da relacionalidade absoluta, que supera a relatividade do entendimento no pensar moderno. O artigo divide-se em cinco partes: um esboço do conceito de reflexão na lógica da essência de Hegel (i) faz-se seguir por uma comparação desse conceito com a reflexão subjetiva da consciência e do entendimento (ii) e de uma análise do círculo vicioso na teoria tradicional da reflexão da autoconsciência (iii). Iber conclui examinando “conceito de reflexão anterior a Hegel como pensar do entendimento que separa, do qual o conceito de reflexão posterior se distingue” (iv) e oferecendo uma leitura da lógica da reflexão de Hegel como crítica à fundação ontológica da reflexão em Schelling (v).

Visando a compreensão da radicalização de Kant em Hegel, “*Spontaneità ed Esperienza Hegel, McDowell e la Radicalizzazione di Kant*”, de Danilo Manca, examina a relação que Hegel descreve entre a experiência e a atividade espontânea do Sujeito. À luz do *Mind and World*, de John MacDowell, Manca debruça-se sobre “Fé e Saber”, onde concentra-se na “ideia que a síntese cega da imaginação pode ser identificada com o trabalho escondido da pura razão”,

e, baseando-se no capítulo sobre a “certeza sensível” da *Fenomenologia do espírito* e no segundo prefácio da *Ciência da Lógica*, examina a ideia hegeliana de que o instinto da razão é operativo internamente à linguagem natural.

No terceiro artigo, considerando que o esforço de Hegel para ligar a filosofia da natureza e lógica mostra que, no sistema hegeliano, “não há lugar para a ‘longa noite do nada’, mas apenas para a Vida que se torna Espírito”, em “*Life and negativity. The inner Teleology in Hegel’s philosophy of Nature*”, Francesca Brencio, analisa a teleologia interna à cada natureza orgânica “entendendo que isso permite que Hegel preserve a noção de negatividade através do conceito do ser que tem “falta” (*die Tätigkeit des Mangels*)”. A autora procura mostrar que a questão da morte tem grande importância no pensamento do filósofo alemão sobretudo na sua relação com a concepção de negatividade.

“*Riserva e rifugio. L’ombra del pensare tra Kant e Hegel*”, de Francesco Valagussa, analisa o problema das coisas-em-si em Kant e Hegel. Em síntese, essa “sombra no pensamento” constitui um limite intrínseco ao entendimento em Kant, ao passo que, em Hegel, tratar-se-ia de um resultado da mente produzindo a si mesma como uma atividade ilimitada e sem fim.

A Filosofia de Hegel é frequentemente apresentada como a aplicação mecânica de um método pré-determinado à criação de um sistema filosófico. Em “*Absolute negativity – complete method or incomplete strategy?*”, Ilmari Jauhiainen vai de encontro a essas interpretações ao mostrar que o que Hegel considera seu método não é, propriamente, um método, mas uma estratégia que usaria diversas operações (abstração, pensamento de algo como existente, identificação e observação dos processos de pensamento) para atingir seu fim.

A partir do prefácio da *Fenomenologia* e com vistas à ligação com o sistema filosófico hegeliano, João Alberto Wohlfart, em “Elementos Epistemológicos no Prefácio à *Fenomenologia do Espírito* de Hegel”, destaca a “concepção hegeliana de filosofia como saber científico, a noção de verdadeiro como um todo, o projeto filosófico da síntese entre a substância, de Espinosa, e o eu livre, de Kant” bem como a “iné dita visão filosófica de absoluto como resultado do desenvolvimento sistemático da filosofia”. De acordo Wohlfart, o prefácio, escrito depois da obra, prenuncia componentes metodológicos e epistemológicos da filosofia hegeliana posterior – nele, Hegel reintegra suas contribuições filosóficas anteriores numa “síntese mais ampla, profunda e complexa”.

À luz da Enciclopédia das Ciências Filosóficas e da Fenomenologia do Espírito, Lincoln Menezes de França em “O Sistema Hegeliano e a Questão da Filosofia Primeira”, analisa o procedimento de que Hegel lança mão para que seu discurso filosófico desse conta de si mesmo. Em Hegel o problema ganha maior importância na medida em que sua concepção de verdade não lhe permite considerar nada externo à ideia Absoluta.

A seguir, em suas “*Reflexiones en Torno a la Subjetividad Política en Hegel*”, Pablo Durán Palácios fornece-nos uma investigação do seu significado a partir do estudo da esfera lógica hegeliana (método, conceito, ideia absoluta, etc.) e da análise da natureza da Filosofia do Direito. Por fim, Palácios comenta o papel da subjetividade humana dentro do sistema político democrático.

O texto de Werner Ludwig Euler, “O projeto da Ciência da Lógica de Hegel e o problema do início da Filosofia”, conclui esta seção temática. Seu objetivo é demonstrar que a ilustração do problema do início da filosofia por Hegel é uma chave a sua concepção da lógica como método científico da Filosofia. Para isso, Euler expõe as principais ideias do programa de Hegel por uma revisão da lógica – da metafísica e da filosofia completa, em contraste à lógica tradicional – e uma interpretação da declaração da “dificuldade em encontrar um *início*” lógico na filosofia, que reside em que resolver o problema de unir “o método” ao conteúdo, a forma ao “princípio”.

A seção *Dossiê* trata da *Ciência da Lógica* de Hegel, mais especificamente da Lógica da Essência, e seus artigos foram elaborados a partir do Seminário “Introdução à Lógica da Essência de Hegel: o Desenvolvimento da Essência como Reflexão e a Lógica das Determinações da Reflexão”, no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS, ocorrido no primeiro semestre de 2014.

Os artigos são os seguintes:

Em “O desenvolvimento da lógica da essência e a reflexão ponente em Hegel”, Camilo José Jimica analisa a Lógica hegeliana da Essência à luz desse conceito como como reflexão absoluta. Jimica discute o projeto de Hegel no primeiro capítulo da Doutrina da Essência e refere à relação entre essência e reflexão para resgatar uma forma de explicação hegeliana que mostra que a relação essência-aparência resulta do próprio pôr da essência. No artigo, mostra-se, outrossim “que as considerações sistemáticas sobre o conceito de negatividade absoluta validam os propósitos explícitos de explicação do

programa filosófico hegeliano do primeiro capítulo da lógica da essência onde esse conceito e sua doutrina da contradição são os problemas para o entendimento da dialética hegeliana”.

Ainda que o princípio aristotélico da não-contradição tenha orientado por muito tempo o pensamento lógico, a idade moderna trouxe consigo novas formas de pensar que permitiram a tematização a contradição. Em “Formas da Contradição em Hegel e Lupasco”, Daniel Fraga de Castro apresenta esses dois autores cujos projetos assumem a contradição como necessária.

“A Moralidade como defesa do individual frente ao coletivo na *Filosofia do Direito* de Hegel”, Everton Miguel Maciel analisa a partir do capítulo da Moralidade, na Filosofia do Direito, um problema apresentado por muitos leitores de Hegel – a sobrevalorização do coletivo frente ao individual. Sustentando que a moralidade e eticidade não devem ser compreendidas como elementos que se sobrepõem no sentido qualitativo, Maciel percorre “a ideia de agente moral como um ser livre de determinações no momento em que delibera e projeta no mundo sua moralidade, o que tem implicações importantes no campo da preservação da ideia de responsabilidade moral”.

Em “Contradição e Opinião Pública: Reflexões sobre a Importância da Contradição para Além da Lógica da Essência Hegeliana”, Henrique José da Silva Souza explicita a importância do conceito na totalidade do sistema filosófico hegeliano, da dialética a fenômenos como a Opinião Pública.

A tematização da contradição no filósofo alemão aparece também em “Harmonia dos opostos, diversidade e contradição em uma perspectiva hegeliana”, de Lauro Valentim Stoll Nardi, no qual representa o desenvolvimento da lógica hegeliana do ser ao fundamento utilizando o estudo científico de um cristal como metáfora.

“Princípios e Regras: Diferença em Debate”, de Lourdes Pasa Albrecht, por sua vez, analisa a distinção entre princípios e regras sob os prismas jusfilosóficos de Robert Alexy e de Ronald Dworkin. Na leitura da autora, ainda que ambos defendam a tese que a diferença entre as duas espécies de normas é de caráter lógico, para o segundo, os princípios têm uma dimensão de peso que deve ser analisado caso a caso, ao passo que, para o primeiro, Alexy, com base teórica formulada dentro da “Teoria dos Direitos Fundamentais”, desenvolve a ideia de princípios como mandamentos de otimização.

Mohamed F. Parrini Mutlaq, em “Os Princípios da Razão a partir da Crítica da Razão Pura de Kant”, aborda os limites do conhecimento na Crítica da Razão Pura (1781) de Kant. Para Mutlaq, “há um chamado a uma nova forma de pensar, pois para Kant a perspectiva do espectador sobre o objeto é o caminho para o conhecimento verdadeiro. A experiência é uma forma de conhecimento que exige a ação do entendimento, que deve ser pressuposta antes dos objetos serem dados, sendo expressa em conceitos “a priori”. A possibilidade do conhecimento e realidade dos fenômenos somente é possível a partir da sensibilidade humana de tempo e espaço”.

Finalizando a seção *Dossiê*, Tiago Porto, em “Entre as Paixões e A Soberania: a Formação Política em Hume e Rousseau”, analisa como se dá a formação política nesses dois pensadores para, em seguida, descrever as novas tecnologias da comunicação e informação e o modo através do qual estas plataformas podem, em consonância com as teorias dos dois filósofos citados, oferecer um campo de inclusão democrática.

A seção *Varia* começa com o texto “Interação entre Religião e Ciência em Paracelso”, de Martinho Antônio Bittencourt de Castro. Para o autor, a análise de Paracelso a essas duas questões permite compreender melhor seu pensamento na medida em que esse considera que a pesquisa científica deve dar lugar a uma espécie de intuição mística que implica uma concepção panteísta do mundo.

No segundo artigo, Fabio Goulart, em “Marx e Marcuse: Acerca da Alienação do Homem e seu Trabalho” analisa o conceito de alienação nos manuscritos de Paris e sua recepção por Marcuse. Primeiramente, Goulart distingue entre os termos alemães *Entäusserung* e *Entfremdung* para, posteriormente, examinar o modo através do qual, em Marx, seria evidente que, na lógica capitalista, o trabalhador e seu trabalho estão rebaixados a posição de mercadoria barata e substituível. Posteriormente, o autor apresenta os argumentos de Marcuse nos quais alienação e trabalho seriam conceitos ligados a essência humana, indo, conseqüentemente, para muito além da economia.

Por fim, na seção *Tradução*, oferecemos aos leitores um excerto da *Ciência da Lógica* de Hegel (mais especificamente, do segundo livro, *Lógica da Essência*), que trata da *Efetividade*, traduzido por Michela Bordignon, Christian

Iber, Tomás F. Menk, Marloren Miranda, Agemir Bavaresco e Vali Inês Mörs  
(Revisão Técnica: Luis Sander).

A todos, a *Revista Opinião Filosófica* deseja uma proveitosa leitura!

Eduardo Garcia Lara